

Trad Wife: Performatividade e Controle do Corpo no TikTok¹

Gabriela Agostinho Pereira²

Jorge Antonio de Moraes Abrão³

Resumo

O presente trabalho analisa o fenômeno "trad wife" no TikTok, explorando suas implicações políticas e sociais em um contexto de ascensão da extrema-direita e a agenda conservadora. Baseando-se em teorias sobre construção de gênero e as dinâmicas de poder associadas, assim como nos conceitos de performatividade e consumo conspícuo, o estudo busca evidenciar como as plataformas digitais amplificam e mercantilizam performances tradicionais de gênero, reforçando narrativas conservadoras que instrumentalizam o corpo feminino. Espera-se, também, destacar a importância de entender o fenômeno como parte de uma estratégia maior de controle social e político, promovida por meio da arquitetura das plataformas digitais.

Palavras-chave

sites de redes sociais; performance; consumo conspícuo; gênero; extrema-direita.

Introdução

É apenas mais um dia comum e uma Nara Smith com voz suave anuncia que seus filhos querem comer sanduíche de queijo no almoço e assim ela nos mostra como fazer esse simples sanduíche. Mas ao invés de, simplesmente, abrir um pacote de pão e colocar algumas fatias de queijo, a dona de casa nos mostra sua receita de pão caseiro, passo-a-passo, da mesma forma que nos ensina como fazer o queijo em casa⁴.

¹ Trabalho apresentado no GT 2 – Estratégias de comunicação em ambientes digitais do IV Encontro Virtual da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura: Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial. Realização da UNIFAE, nos dias 20 e 21 de junho de 2024.

² Doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM) da ESPM-SP, integrante do Grupo de Pesquisa em História, Comunicação e Consumo. E-mail: gaapereira@gmail.com.

³ Doutorando em Comunicação e Práticas de Consumo (ESPM), Mestre em Ciências da Comunicação (ECA/USP) Bacharel em Linguística (UNICAMP), e-mail: j.abrao@gmail.com.

⁴ <https://www.tiktok.com/@naraazizasmith/video/7340011494291131691>

O que pode parecer uma cena de ficção que se passa em 1930, na verdade é mais um vídeo do cotidiano de Nara Smith no TikTok em 2024. A criadora de conteúdo é uma mulher casada com o modelo Lucky Blue Smith, de 25 anos e mãe de 3 filhos. Mas Nara não é exceção e, assim como ela, outras mulheres compartilham seu dia-a-dia nas redes sociais e são chamadas (ou se autodenominam) de *trad wives*.

Trad wife - segundo Estee Williams⁵ (Imagem 1), criadora de conteúdo adepta desse estilo de vida - é uma mulher que prefere assumir um papel tradicional ou ultra tradicional no casamento, incluindo a crença de que o lugar da mulher é em casa.

⁵ <https://www.tiktok.com/@esteecwilliams/video/714111247033912622>



Imagem 1. Vídeo de Estee Williams publicado no TikTok.

Dessa maneira, uma *trad wife* ou “esposa tradicional”, em tradução livre, pode ser definida como uma mulher casada que opta por um estilo de vida de uma esposa convencional que segue os papéis de gênero nos quais a figura feminina é a principal responsável pelos cuidados com a casa e com os filhos, enquanto a figura masculina é responsável pela manutenção financeira, resgatando um passado idealizado que, segundo Butler (2024) é convocado no movimento antigênero buscando uma ordem patriarcal de proteção da instituição familiar.

Além desse aparente anacronismo do movimento, o que nos chama atenção é o seu crescimento a partir das redes sociais, principalmente no TikTok, popularizando assim não apenas uma estética, mas também discursos e práticas a partir de uma plataforma que monetiza essas imagens. O TikTok, plataforma onde o movimento *trad wife* se popularizou, possui um imenso potencial de viralização. Assim, conteúdos que ganhavam ressonância apenas em determinados grupos, passam a ter uma visibilidade que apenas plataformas de redes sociais são capazes de proporcionar e com isso, as imagens e visualidades da “boa mulher” passam a virar um negócio lucrativo, uma mercadoria amplamente aceita.

O objetivo principal do trabalho é analisar a difusão desse fenômeno e suas implicações sociais e políticas, considerando a ascensão da extrema-direita e a agenda conservadora que busca reafirmar padrões tradicionais de feminilidade. Buscamos, então, fazer uma reflexão sobre a difusão desse movimento, a partir da seguinte pergunta: como a visibilidade do movimento *trad wife* se manifesta em plataformas de redes sociais como o TikTok e quais são as implicações políticas e sociais desse movimento?

Desse modo, nosso trabalho se divide em três partes, na primeira discutiremos como o movimento se relaciona com discursos da extrema-direita e conservadorismos, nos apoiando em Judith Butler (2024) para discutir a construção de gênero e as dinâmicas de poder associadas. Em seguida exploraremos alguns exemplos desses vídeos como uma forma de performance (Schechner, 2012; Goffman, 2002; Taylor, 2013) e de consumo conspícuo de tempo (Belezza; Paharia; Keinan, 2017). E, por fim, abordaremos o papel dos mecanismos e arquitetura das plataformas de redes sociais na difusão dessas práticas simbólicas, a partir da análise das redes sociais como plataformas que mercantilizam dados (Van Dijck, Poell & de Wall, 2018) e que privilegiam uma arquitetura neoliberal da circulação da informação (Cesarino, 2022), observando a necessidade de responsabilizá-las pelos efeitos que produzem na cidadania (Canclini, 2021).

Argumentamos, aqui, que entender o movimento das *trad wives* é crucial para

reconhecer como narrativas conservadoras instrumentalizam o corpo feminino para reforçar ideais tradicionais de gênero que são circulados e atualizados por meio do compartilhamento de performances em redes sociais, e como a extrema-direita se apropria dessas narrativas para reforçar sua agenda política. Também é relevante atentar que essas performances circulam como uma mercadoria lucrativa em plataformas como o TikTok. Consideramos que analisar esses fenômenos pode contribuir para a promoção de uma sociedade mais justa e inclusiva, desafiando tentativas de retrocesso nos direitos das mulheres e o avanço de pautas políticas ultraconservadoras.

Imaginário feminino e agenda conservadora

O controle do corpo feminino está enraizado na sociedade através de ideologias que buscam preservar desigualdades e hierarquias de gênero, ou seja, buscam garantir a manutenção das relações de poder. Diante das inúmeras e históricas tentativas de controle, nascem as lutas pela liberdade feminina que nos acompanham desde o movimento sufragista até a atualidade. Nesse contexto, é preciso reconhecer tanto as transformações sociais positivas que resultam de movimentos feministas passados, quanto a certeza de que a dominação masculina permanece como realidade no cotidiano.

Com avanços em diversos aspectos, os movimentos feministas passaram a sofrer reações simbólicas e mais silenciosas. Garcia (2011) afirma que a imagem da “supermulher”, por exemplo, que exerce com maestria atividades de todas as áreas de sua vida (trabalho, casamento, maternidade, cuidado), foi criada escondendo por trás de um nome supostamente poderoso, uma realidade de exploração em razão de múltiplas jornadas de trabalho (dentro e fora de casa). Ademais, movimentos que lutam contra aquilo que chamam de “ideologia de gênero” ganham força e passam a fazer uma disputa retórica acerca do conceito de gênero, atuando como um desserviço em relação à promoção de direitos e igualdades.

A relação da modernidade com os papéis de gênero merece destaque por influenciar a maneira como significamos esses papéis até hoje. Dentre as inúmeras transformações, destacamos o momento no qual o homem passa a usufruir do espaço público como uma oportunidade de liberdade, enquanto para a mulher o mesmo espaço passa a representar a “depravação” e a “desgraça” (Sennett, 1998). Em outra perspectiva, na medida em que a colonialidade se consolida, “as hierarquias de gênero assentadas na masculinidade e feminilidade relacional ancestral são destruídas, dando lugar ao binarismo ocidental.” (Segato, 2018 *apud* Oliveira & Guerra, 2022, p.123). Os reflexos dessas desigualdades que se inscrevem no imaginário social/cultural regem as sociedades ocidentais, apesar de encontrar resistências, a lógica colonial e patriarcal segue gerando impacto (Guerra & Severo, 2022).

Butler (2024, p.28) ao falar sobre o movimento contra a ideologia de gênero afirma que o projeto “é uma forma politicamente importante do anti-intelectualismo, que combate o pensamento como um perigo para a sociedade – solo fértil para a horrenda colaboração entre paixões fascistas e regimes autoritários”. Nos últimos anos, com a ascensão global da extrema-direita, muitas vezes solidificada no fundamentalismo religioso cristão, o qual sempre se esforçou em desenraizar da mulher “os vícios da alma feminina com a intenção primordial de atenuar-lhe a nocividade, de desarmá-la, de melhor proteger o homem” (Duby, 2013, p.50 *apud* Oliveira & Guerra, 2022, p.123), é possível observar um novo fenômeno de controle do corpo feminino que se manifesta por meio do aumento do desejo de resgate de um passado que se pretende atual. Esse fenômeno está relacionado ao fortalecimento de uma onda conservadora que celebra o retorno da mulher em papéis considerados tradicionais e se manifesta pelo movimento *trad wife*, amplamente difundido em plataformas de redes sociais como o TikTok.

O movimento que se popularizou em plataformas de redes sociais contempla conteúdos feitos por mulheres que gravam e publicam vídeos mostrando a rotina como uma

“esposa tradicional” responsável por todos os afazeres domésticos, pelo cuidado com o marido e com a família. Vale destacar que não é incomum ver mulheres que aderiram ao movimento *trad wife*, mas que em outro momento de suas vidas administravam suas carreiras, estudos e viviam uma independência financeira, o que levanta a hipótese se o movimento, além de estar ancorado em ideais antigênero, não seria também uma saída encontrada para a exaustão de exercer múltiplas jornadas como uma “supermulher”, evidenciando como agendas neoliberais de igualdade e emancipação feminina, que são pautadas na produtividade e no lucro e não consideram as estruturas enraizadas de exploração feminina, são frágeis e insustentáveis a longo prazo.

Nancy Fraser (2020), ao falar sobre a crise do cuidado, afirma que as atividades (não remuneradas) relacionadas ao cuidado são necessárias para a existência do trabalho remunerado que sustenta o próprio capitalismo. Porém, continua a autora (2023), desde a era industrial as sociedades capitalistas separaram os trabalhos de reprodução social (cuidado, não remunerado) e produção econômica (remunerado), associando o primeiro às mulheres. Assim, o trabalho de cuidado majoritariamente feminino passa a ser compreendido como uma virtude e vocação amorosa, enquanto o trabalho produtivo majoritariamente masculino é remunerado financeiramente. Em uma sociedade capitalista na qual o dinheiro é um mecanismo de poder, essa divisão promove sólidas estruturas de subordinação feminina.

Ainda de acordo com Fraser (2020), o feminismo liberal busca escapar dessa subordinação a partir da valorização dos valores “masculinos” associados à produção em detrimento dos valores “femininos” associados a reprodução, ou seja, o que se busca é a igualdade de oportunidades e realizações na esfera da produção, enquanto a reprodução (o trabalho do cuidado), “aparece como um resíduo atrasado, um obstáculo ao avanço, e deve ser descartada de uma maneira ou de outra no caminho da libertação.” (Fraser, 2020, p.279). Assim, o trabalho de cuidado é delegado a outras pessoas, que por sua vez possuem

uma remuneração baixa e precisam também delegar o cuidado dos seus para outras pessoas, que terão uma remuneração ainda mais baixa, promovendo uma lacuna que não será preenchida.

Ademais, em uma emancipação feminina neoliberal, representada na imagem da supermulher, cria-se o imaginário de que a mulher não só pode, mas deve fazer tudo, enquanto homens permanecem com uma única jornada, mulheres são cobradas por excelência em todas as áreas da vida. A mulher, então, ganha espaço no mercado de trabalho e independência financeira e, mesmo que delegue a maior parte do trabalho do cuidado, ainda é a principal responsável pela gestão doméstica e familiar.

Fraser (2020) cita dois fenômenos recentes que evidenciam a centralidade da responsabilidade feminina na gestão familiar: 1) a popularidade do congelamento de óvulos, oferecido como um benefício pelas empresas para as mulheres altamente qualificadas; 2) as bombas mecânicas tecnológicas de extração de leite, que permitem que mulheres extraiam o leite dos seios para que sejam armazenados e oferecidos na mamadeira por uma babá enquanto estão no trabalho, destacando ainda bombas que permitem que a extração feita de um modo mais produtivo, sem a necessidade de utilizar as mãos, essas bombas extratoras são capazes de coletar o leite materno dos dois seios ao mesmo tempo, enquanto as mulheres dirigem para o trabalho.

Assim, consideramos que as motivações para o crescimento do movimento *trad wife* pode residir em duas frentes: 1) a materialização de ideais conservadores ligados ao movimento contra a ideologia de gênero que já circulam no imaginário social há alguns anos e que buscam ao mesmo tempo o resgate e a manutenção de um passado que se pretende atual; 2) uma alternativa encontrada para a exaustão e cobrança das múltiplas jornadas femininas, optando por exercer exclusivamente papéis de gênero considerados tradicionais e conservadores como uma forma de escapar da lógica insustentável da “supermulher”.

Sobre a materialização de ideais conservadores, em 2016, os adjetivos “bela, recatada e do lar” foram estampados no título de uma reportagem da revista *Veja*⁶ para se referir a Marcela Temer, esposa do então vice-presidente, Michel Temer (Imagem 2). É importante destacar que Marcela Temer é uma mulher jovem (43 anos mais jovem que o marido), branca, loira, magra e que, segundo a reportagem, gosta de vestidos na altura do Joelho. No mesmo ano, Donald Trump é eleito presidente dos Estados Unidos e Melania Trump passa a ser a primeira-dama do país. Melania, assim como Marcela, é uma mulher mais jovem que o marido (24 anos mais jovem), branca, loira, magra e frequentemente fotografada com vestidos na altura do Joelho. Dois anos depois, Jair Bolsonaro é eleito presidente do Brasil. Bolsonaro é casado com Michelle Bolsonaro, 27 anos mais jovem que o marido, branca, loira, magra e, assim como Melania Trump, frequentemente fotografada com vestidos na altura do Joelho.

Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”

A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice

Por: Juliana Linhares © 18/04/2016 às 19:14 - Atualizado em 18/04/2016 às 19:14



Imagem 2. Reportagem da revista *Veja* sobre Marcela Temer

⁶ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar>. Acesso em: 28/04/2024

Ainda que façamos uma leitura de que as semelhanças das características das três mulheres descritas acima são mera coincidência, elas mostram de alguma forma que existe um molde de corpo feminino muito evidente por trás do que é considerado uma mulher “bela, recatada e do lar”. Esse modelo de feminilidade controla o corpo feminino uma vez que cria um imaginário do que é ser uma “boa mulher”. Ademais, como mencionado, o projeto antigênero é solo fértil para a ascensão de regimes fascistas e autoritários (Butler, 2024) e talvez não seja coincidência que políticos conservadores escolham se casar com mulheres que tenham o perfil mencionado acima.

Além disso, os adjetivos “bela, recata e do lar” recortam o papel considerado ideal para a mulher na sociedade. Butler (2024, p.22) argumenta que “as pessoas que afirmam saber o lugar que as mulheres devem ocupar na vida social e política [...] não se opõem ao gênero – elas têm em mente uma ordem de gênero rigorosa e desejam impô-la ao mundo.” Importa observar que essa tentativa de imposição de um ideal de gênero é frequentemente amparada por ideais cristãos, as “esposas tradicionais” ao exercerem esse papel estariam servindo à Deus. Sobre esse aspecto, Butler (2024, p.24) observa que aqueles que se opõem aos estudos de gênero com base em fundamentos bíblicos, além de se recusarem a ler academicamente e criticamente livros sobre os estudos de gênero, entendem que “seus oponentes leem a teoria de gênero como eles próprios leem a Bíblia [...]”, ou seja, os estudos de gênero seriam feitos da mesma maneira dogmática e acrítica que eles próprios fazem da bíblia.

Outro ponto de destaque é que as questões relacionadas ao corpo da mulher e ao movimento feminista ganham mais visibilidade no contexto do capitalismo pós-industrial. Rocha (2010, p. 205) argumenta que: “este capitalismo [pós-industrial] de última fase, pós-fordista, teria nas imagens e nas visualidades sua grande mercadoria e nos meios de comunicação seu grande ordenador social.” Nesse sentido, em um capitalismo amparado pelo patriarcado, a imagem da mulher é capturada ideologicamente com o objetivo de

controle, o corpo feminino passa a ser instrumentalizado com propósitos populistas majoritariamente ligados à conservadorismos e a ideologia política é transportada para o corpo, ao passo que, a imagem desse corpo controlado/instrumentalizado simbolicamente torna-se uma mercadoria valiosa em função da mídia. Fazendo necessário que se compreenda como se dão a criação e a circulação desse corpo midiaticizado, como veremos nas seções seguintes.

Performance e consumo conspícuo de tempo

Nara Smith, a criadora mencionada no início deste trabalho, geralmente compartilha em seus vídeos os alimentos que prepara para sua família (Imagem 3). Ela não mostra apenas o resultado, mas guia seu público por todo o processo artesanal de fazer cada item. Já Hannah Neeleman, ou @ballerinafarm, divide com a audiência seu dia-a-dia em uma fazenda, desde ordenhar vacas⁷ (Imagem 4) até supervisionar seus oito filhos enquanto cozinha⁸.

⁷ <https://www.tiktok.com/@ballerinafarm/video/7299627463364169003>

⁸ <https://www.tiktok.com/@ballerinafarm/video/7350380564626607402>

IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura:

Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial

Online — 20 e 21/06/2024



Imagem 3. Vídeo de Nara Smith publicado no TikTok



Imagem 4. Vídeo de Hannah Neeleman publicado no TikTok

Ambas concentram o conteúdo de suas redes sociais em exibir atividades que demandam tempo e dedicação significativos, fazendo uma demonstração meticulosa de suas habilidades domésticas não só para entreter, mas também educar e inspirar um público que valoriza esses papéis tradicionais como é possível ver pelo alto número de comentários elogiosos e pelo, ainda maior, número de seguidores no perfil do Tiktok de cada uma: 7 e 7,2 milhões respectivamente. As criadoras estão constantemente refinando seus vídeos em resposta ao feedback e à interação com seu público, criando um ciclo de repetição e inovação que mantém seu conteúdo relevante.

Acreditamos ser possível aproximar esses vídeos ao conceito de performance que, para Richard Schechner (2012), pode ser entendido como o comportamento restaurado como ações que são repetidas e podem ser aprendidas e estudadas. Já Goffman (2002) - ao falar de performance - compara a vida social a um palco, onde os indivíduos assumem diferentes papéis de acordo com as situações vividas. O público, que são as pessoas com quem interagimos, é fundamental para a existência da performance. Enquanto Diana Taylor (2013) complementa essa visão ao afirmar que a performance é um processo contínuo e inacabado, que reverbera e se reconfigura constantemente na relação entre quem a realiza e quem a assiste.

Desse modo, propomos que as *trad wives*, ao documentar e compartilhar suas atividades diárias, como fazer pão ou queijo caseiro, estão engajadas em um comportamento restaurado que é tanto uma prática diária quanto uma performance destinada a uma audiência, composta por seguidores nas redes sociais. O que é crucial para validar e perpetuar a relevância dessas ações. Esses vídeos são carregados de um simbolismo que vai além da demonstração de cuidados com a família. Eles evocam um ideal de feminilidade e domesticidade que ressoa com discursos conservadores e religiosos, promovendo uma visão de gênero onde a mulher é a guardiã do lar.

Outro conceito que pode nos ajudar a entender o fenômeno é o de consumo conspicuo introduzido por Thorstein Veblen (1988), que pode ser definido como aquele que é motivado pelo desejo do indivíduo de se diferenciar socialmente a partir da ostentação de bens. Além disso, para o autor

Os meios de comunicação e a mobilidade da população expõem o indivíduo à observação de muitas pessoas que não têm outros meios de julgar da sua boa reputação exceto mediante a exibição de bens que ele esteja apto a fazer enquanto estiver exposto a sua observação direta (VEBLEN, 1988, p. 42).

Assim, o consumo conspícuo seria também um modo de estratificação social e certificação do *status* social das classes mais altas. Com o passar do tempo, entretanto, o entendimento do conceito é ampliado e aplicado ao consumo de outros segmentos sociais e a outros itens escassos como o tempo.

Ao pensar sobre o tema na sociedade contemporânea, Bellezza, Paharia e Keinan (2017) expandem o conceito do pensador estadunidense, sugerindo uma mudança no consumo conspícuo em que valor atribuído aos bens devido a sua escassez, passa a ser atribuído ao tempo. Desse modo, longas horas de trabalho e a falta de tempo para o lazer dos sujeitos, são mediadas pela percepção de que indivíduos ocupados possuem características desejadas de capital humano (competência, ambição), levando-os a serem vistos como escassos e, portanto, valorizados. Além disso, devido a escassez do tempo, a maneira como os indivíduos gastam seu tempo pode servir como um poderoso sinal de *status*.

Acreditamos que ao olharmos para o fenômeno das *trad wives* a lógica se altera novamente, o consumo conspícuo do tempo se manifesta em tarefas domésticas que poderiam ser simplificadas, como a produção de alimentos para a família que são realizadas de modos mais tradicionais e mais demorados. Este uso ostensivo do tempo serve, então, como um símbolo de *status*. Um indicativo de que essas mulheres possuem os recursos para se dedicarem a essas atividades dispendiosas, realçando não apenas sua dedicação à família, mas também como símbolo de um tipo específico de capital social e cultural, associados a valores tradicionais como os apresentados na seção anterior deste trabalho.

Por fim, ao considerar os conceitos de Schechner e Taylor, junto com a teoria de consumo conspícuo de Veblen, é possível compreender os vídeos das *trad wives* no TikTok como performances sofisticadas que combinam a exibição de habilidades artesanais com uma estratégia deliberada de sinalização de status através do uso conspícuo do tempo. Essas performances refletem não apenas uma nostalgia por papéis de gênero tradicionais, mas

também uma adaptação moderna dessas tradições para o ambiente digital, onde o tempo e a atenção são recursos valiosos e disputados. Os vídeos revelam uma complexa dinâmica de valorização social onde o trabalho doméstico é reconfigurado como uma forma de consumo conspícuo do tempo, performado para uma audiência que valoriza essa dedicação ostensiva ao papel tradicional de gênero.

Plataformas de redes sociais e seus mecanismos

O TikTok, principal plataforma onde o movimento *trad wife* se popularizou, possui um imenso potencial de viralização em função dos seus mecanismos e arquitetura de circulação de conteúdo. A infraestrutura sociotécnica das plataformas digitais promove uma datificação social na qual tudo é operado e moldado a partir da coleta de dados dos usuários.

Entendemos que essas plataformas “moldam significativamente a infraestrutura tecnológica central, os modelos econômicos dominantes e a orientação ideológica do ecossistema como um todo” (Van Dijck, Poell & de Wall, 2018, p. 32), ou seja, existe um ordenamento da vida social feito pelas plataformas digitais que não é neutro, “[...] elas tornam certas coisas visíveis, enquanto escondem outras” (2018, p.32), ademais, as plataformas fazem mais do que apenas refletir a vida social, elas produzem as estruturas da vida social (Van Dijck, Poell & de Wall, 2018 *apud* Couldry e Hepp, 2016) e não são isentas de valores.

Nesse sentido, é relevante refletir acerca das implicações sociais do conteúdo circulado por plataformas como o TikTok e quais são as estruturas sociais produzidas e refletidas a partir delas. Ao pensarmos na apropriação política da imagem e do imaginário feminino, vemos que algumas ideias que ganhavam ressonância apenas em determinados grupos, quando midiaticizadas em um contexto de plataformas digitais, passam a ser circuladas e amplificadas de acordo com lógicas algorítmicas, encontrando uma visibilidade

que apenas plataformas de redes sociais são capazes de proporcionar. Essas lógicas, conforme Gillespie (2018) controlam os fluxos de informação dos quais somos dependentes, tendo o poder de viabilizar e atribuir significados, ordenando como informações são percebidas pelos usuários, ou seja, regulando a distribuição do sensível.

Cesarino (2022) afirma que essas plataformas não se preocupam com a qualidade do conteúdo que circulam e priorizam a circulação em si, uma vez que objetivam o engajamento e conseqüentemente o lucro gerado, se inscrevendo naquilo que a autora chama de economia da atenção (Cesarino, 2022). O conteúdo que é circulado é indiferente, o que importa é a promoção de um “aparato cibernético que potencialize a captura da atenção [...]” (Cesarino, 2022, p. 108), algo essencial para a sobrevivência das plataformas.

Ao pensarmos nas implicações de movimentos plataformizados como o *trad wife* e nas estruturas sociais que sustentam o movimento, entendemos que a racionalidade neoliberal (Dardot e Laval, 2016) pode ser compreendida como o fio condutor da sociedade plataformizada, promovendo um contexto que tem o mercado como o principal ordenador social. Assim, as grandes empresas de tecnologia donas das plataformas, moldam a sociedade priorizando o lucro próprio, mesmo que o lucro seja fruto de conteúdos que promovem um imaginário de retrocesso dos direitos das mulheres.

Dessa maneira,, conteúdos que promovem imagens e visualidades da “boa mulher”, se transformam em um negócio lucrativo tanto para a própria plataforma quanto para o usuário que produz o conteúdo. Em uma rápida busca no TikTok, é possível observar que vídeos com a hashtag *#tradwife* passam a ser uma mercadoria amplamente aceita, contando com mais de 1 bilhão de visualizações. Além disso, ao digitarmos o termo “*trad wife*” na busca do TikTok, são exibidos resultados que descortinam alguns pontos importantes, ainda que os resultados não sejam sempre os mesmos para todos que fazem a mesma busca em função do algoritmo da plataforma.

O primeiro ponto é que existe um fator racial bastante evidente, uma vez que a maioria dos vídeos exibem mulheres brancas e loiras, assim como as esposas dos presidentes mencionados anteriormente neste artigo. O segundo ponto diz respeito à juventude das mulheres que aderem ao movimento. Segundo Oliveira & Guerra (2022), a feminilidade torna-se menos associada às mulheres na medida em que elas vão envelhecendo, associando claramente a feminilidade com a juventude, ou seja, o corpo feminino e desejado é o corpo da mulher jovem. O terceiro ponto está relacionado a mercantilização dessas imagens e uma certa hipocrisia das mulheres que produzem esse conteúdo, uma vez que promovem o trabalho (não remunerado) do cuidado com o lar e com a família e são contra a ideia do trabalho (remunerado) fora de casa, ao mesmo tempo que são remuneradas pelos seus vídeos mostrando suas rotinas e opiniões, transformando a produção de conteúdo em um negócio lucrativo.

Cabe dizer que esse fenômeno aqui analisado se inscreve na implantação de políticas alinhadas ao conservadorismo, como a extrema-direita, e sinaliza uma espécie de colonização do imaginário (Guerra & Severo, 2022). Canclini (2021) argumenta que os sistemas algorítmicos já estão influenciando no ambiente político e isso não acontece de maneira autônoma, mas sim porque os algoritmos são programados para isso, promovendo aquilo que ele chama de descidadanização, isto é, uma alienação dos indivíduos em relação aos processos políticos em razão de uma governamentalidade algorítmica.

Os usuários que produzem, consomem e circulam esses conteúdos, estão inscritos em uma “interface montada para produzir, nos “bastidores”, outros tipos de efeito, de ordem propriamente sistêmica, dos quais os usuários são, por default, totalmente alienados” (Cesarino, 2022, p. 107), apesar da aparente sensação de liberdade e domínio dos próprios gostos, pensamentos e interesses. Para nós, isso significa dizer que um fenômeno como o *trad wife* não ultrapassa a marca de 1 bilhão de visualizações simplesmente por uma aderência e interesse espontâneos dos usuários, mas sim porque existe uma arquitetura de

plataforma que privilegia a exibição desse tipo de conteúdo na medida em que respondem a interesses de mercado das próprias plataformas, proporcionando uma relação apenas de ganhos tanto para a plataforma quanto para as criadoras desse tipo de conteúdo.

Esse cenário permite que grupos políticos conservadores se mobilizem a partir das narrativas e performances conservadoras das *trad wives* para promover imaginários que contribuem com a adesão aos seus projetos políticos. O poder do patriarcado na atualidade se manifesta por meio da cultura, do universo simbólico e suas produções de sentido, ganhando força em plataformas digitais nas quais ocorre a difusão dessas práticas simbólicas.

Considerações finais

Como dissemos, entender o movimento *trad wife* é crucial para observar como narrativas conservadoras instrumentalizam o corpo feminino por meio do compartilhamento de performances em redes sociais e como grupos políticos extremistas se apropriam dessas narrativas para reforçar sua agenda política. No início deste trabalho, mencionamos que nosso principal objetivo neste trabalho é analisar a difusão desse fenômeno e suas implicações políticas e sociais. Com isso, buscamos aprofundar as discussões observando sua difusão nas plataformas digitais, como o TikTok, e suas implicações sociopolíticas, em especial no contexto do avanço de pautas conservadoras e da extrema-direita.

Entendemos que o movimento busca recriar e romantizar papéis tradicionais de gênero, ao promover imageticamente um retorno a um passado idealizado que reforça a divisão sexual do trabalho. Importa-nos observar que essas performances de papéis tradicionais de gênero não são apenas uma escolha individual de estilo de vida ou um fenômeno isolado. Elas estão profundamente conectadas a uma agenda política que busca reafirmar ideais conservadores e patriarcais, enraizados em um amplo cenário de reações aos avanços feministas. Movimentos contra a tal "ideologia de gênero" são uma forma de

combater avanços progressistas, promovendo uma visão rígida de papéis de gênero que busca controlar o corpo feminino. A popularização da *trad wife* é um reflexo dessas tensões que, em contextos plataformizados são amplificadas, permitindo que o fenômeno seja utilizado como uma ferramenta para a promoção de conservadorismos alinhados com a agenda de grupos políticos extremistas.

Em nossa reflexão, buscamos destacar a centralidade da arquitetura das plataformas digitais na amplificação dessas narrativas conservadoras. Ao possuírem uma estrutura que busca maximizar o engajamento e, conseqüentemente, o lucro, essas plataformas privilegiam conteúdos que geram reações emocionais intensas, sem considerar o impacto social e questões éticas de promoção do bem comum.

As performances e discursos das *trad wives*, ao serem amplificados nas plataformas digitais, encontram novas audiências, permitindo que a narrativa de grupos políticos conservadores seja diluída para grupos não engajados politicamente. Isso permite que grupos políticos extremistas encontrem novas maneiras de fisgar a adesão, reforçando pautas conservadoras em um contexto de descidadanização promovido pelas plataformas e seus algoritmos. Nesse sentido, é central compreender como essas plataformas, em função de seus mecanismos, podem moldar o que consumimos e também como nos posicionamos politicamente.

Outro aspecto importante a ser considerado é como o movimento *trad wife* capitaliza sobre a nostalgia por papéis de gênero rígidos e tradicionais, mas também sobre um certo ressentimento em relação às expectativas neoliberais de produtividade e sucesso. No entanto, entendemos que essa alternativa oferecida pelas *trad wives* não é suficiente para desafiar as estruturas de opressão, mas sim as reforçam ao propor o retorno a um passado conservador como alternativa. A mercantilização de performances da “boa mulher” reforça um sistema que se beneficia da opressão feminina, uma vez que a valorização do

trabalho produtivo em detrimento do trabalho reprodutivo está no cerne da subordinação feminina no capitalismo.

Assim, entendemos que o movimento *trad wife* reitera essa divisão e valoração entre os trabalhos ao publicizar o trabalho doméstico como uma vocação natural e não remunerada das mulheres, ao mesmo tempo que estão sendo remuneradas por suas performances, evidenciando uma certa hipocrisia dessas mulheres. As *trad wives*, ao monetizarem suas performances, transformam-se em agentes que perpetuam narrativas conservadoras, mascarando-as como escolhas pessoais. Com amplo apoio de plataformas digitais, transformam a imagem da "boa mulher" e aquilo que consideram feminilidade em uma mercadoria lucrativa tanto para os criadores de conteúdo quanto para as próprias plataformas.

A conscientização sobre essas dinâmicas é fundamental. O movimento *trad wife* não deve ser analisado como uma simples tendência nas redes sociais, mas sim como um fenômeno com implicações sociais e políticas profundas. Ao se inserir em um contexto plataformizado, o movimento se torna parte de um sistema de controle e exploração no qual a figura feminina é instrumentalizada para atender interesses políticos e econômicos. Para promover uma sociedade mais justa e inclusiva, é preciso desconstruir essas performances e narrativas conservadoras, além de responsabilizar as plataformas digitais pelos efeitos produzidos por seus mecanismos de circulação.

Referências

BELLEZZA, Silvia; PAHARIA, Neeru; KEINAN, Anat. Conspicuous consumption of time: When busyness and lack of leisure time become a status symbol. **Journal of Consumer Research**, v. 44, n. 1, p. 118-138, 2017.

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?** São Paulo: Boitempo, 2024.

CANCLINI, Néstor García. **Cidadãos substituídos por algoritmos.** São Paulo: Edusp, 2021.



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura:

Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial

Online — 20 e 21/06/2024

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FRASER, Nancy. Contradições entre capital e cuidado. **Princípios - Revista de Filosofia**, v. 27, n. 53, maio-ago. 2020.

GARCIA, Cristina Costa. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

GILLESPIE, Tarleton. A relevância dos algoritmos. **Parágrafo**, v. 6, n. 1, p. 95-121, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/722>. Acesso em: 29 ago. 2024.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GUERRA, Paula; SEVERO, Daniel. Extrema-direita, xeno-populismo e colonialidade: discursos de ódio e colonização do imaginário no presente. **Todas as Artes - Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura**, v. 5, n. 1, p. 55-76, 2022.

OLIVEIRA, Carla de; GUERRA, Paula. **Artes feministas, artivismos e Sul Global**. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2022. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1811&sum=sim>. Acesso em: 29 ago. 2024.

ROCHA, Rose. Políticas de visibilidade como fatos de afecção: que ética para as visualidades? **Famecos**, v. 17, n. 3, p. 199-206, 2010.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHECHNER, Richard, **Performance e Antropologia de Richard Schechner**, 2012. Org. Zeca Ligiéro, Rio de Janeiro, Mauad X.

TAYLOR, D. **O arquivo e o repertório: Performance e Memória Cultural nas Américas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The platform society: public values in a connected world**. Oxford: Oxford University Press, 2018.



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:

Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial

Online — 20 e 21/06/2024

VEBLEN, T. **A Teoria da Classe Ociosa: um estudo econômico das instituições.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1988